



O Camponês

ORGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

A POLÍTICA DE SALAZAR AMEAÇA O NOSSO PAÍS LEVANTEMOS-NOS UNIDOS E FORCEMOS O GOVERNO A UMA POLÍTICA DE PAZ

Os povos de Goa, Damão e Diu sofrem há longo tempo o domínio dos Salazaristas que os exploram e os oprimem e lhes tiraram todas as liberdades.

Tal como a nós, esses povos anseiam pela liberdade e por poderem dirigir os seus próprios destinos. Eles são pois aliados do nosso povo porque as aspirações são comuns e o inimigo é o mesmo — o fascismo salazarista.

O governo de Salazar espelha os desejos do povo português. O mesmo está fazendo em Goa, Damão e Diu. Por isso, em vez de entrar no caminho de sinceras negociações, está seguindo uma via que cria graves perigos para o nosso povo.

Falando em nome dum falso patriotismo, Salazar defende a posse dum território e a escravização dum povo que quer viver livre e soberano ao mesmo tempo que entrega parcelas do nosso território e das colónias aos americanos e passa para as mãos destes a direcção económica, militar e política do nosso país.

A criação dum fôco de guerra na Índia é mais uma ordem que Salazar recebeu dos seus patrões norte-americanos, exasperados pelos grandes reveses sofridos ultimamente na sua política belicista.

Sérios perigos nos ameaçam

Milhares de soldados foram enviados às escondidas para se juntarem a muitos outros que se encontram já nas colónias portuguesas da Índia. Todos eles, afastados das famílias, das suas terras e dos seus trabalhos, são a carne de canhão que Salazar oferece aos seus patrões da Wall-Street. Salazar lança-os para a guerra, para a morte e condena as suas famílias, que não conhecem o seu afastamento, a dor e ao luto.

O gasto inútil de novas centenas de milhares de contos, roubados ao suor do nosso povo, para subjugar o povo de Goa, irá criar novas dificuldades à economia nacional. O desemprego irá aumentar ainda e o custo de vida, tão elevado já, está subindo e subirá sempre mais. O arroz, a bacalhau, o açúcar e outros géneros começam já a faltar

em muitas regiões. A guerra e o agravamento da miséria e da fome e as perspectivas que Salazar abre aos portugueses.

O povo português está contra Salazar.

Apesar das loucas despesas do fascismo com a propagação e do recurso aos processos mais infames para tentar obrigar as pessoas a apoiar a sua política, o povo português tem demonstrado que está contra o governo de Salazar.

As manifestações de inúmeras pessoas conseguem, por vezes, arrastar alguma gente que NUNCA POREM SE ASSOCIAR AOS Gritos e vivas lançados pelos fascistas.

O alto clero, embora falando de Paz, procura salvar-se dos sentimentos religiosos e dos anseios de Paz do nosso povo; para o arrastar a apoiar a política salazarista. Esta falsa política de Paz, no alto clero, encontra porém OS PROTESTOS DAS MASSAS CATHOLICAS. As mulheres, que teoricamente obedecem a Salazar, afastam-se dos seus padres que nos seus sermões fazem a apologia da guerra.

Entre os soldados que partiram para a Índia O DESENTENAMENTO ATINGIU TODOS, e muitos foram os que, recusando com tufo, SE RECUSARAM A SEGUIR.

Em comparação, por toda a lado, a justa Declaração do Partido Comunista Português sobre o problema de Goa, bem como, um Manifesto do Agosto do mesmo Partido, foram muito bem acolhidos pelas massas. Em certas terras ESTES DOCUMENTOS FORAM LIDOS EM GRUPOS E APOIADOS, ABER- TAMENTE porque eles falam da necessidade da negociação, no desejo dos povos viverem livremente e disporem de si, porque eles esclarecem e apontam o caminho da luta a seguir.

Jamais os dirigentes do M. N. D. definiriam a posição desse patriótico Movimento em relação ao problema de Goa. E porque esses destacados democratas defendem, como todos os democratas e partidários da Paz, a PAZ na Índia pela negociação, o fascismo prendeu arbitrariamente o prof. Ruy Luis Gomes, a Eng.ª Virginia de Medra, o Arc. Lobo Vital, o Dr. José Morgado e o operário Albertino de Macedo.

Tudo o nosso povo em resposta aos ataques cola os olhos nos fascistas, que bem depressa foram rasgados, está a gravar no coração as suas atitudes, nos muros, as suas palavras. «QUEREMOS PAZ» «NEGOCIAÇÃO NA ÍNDIA» «NÃO IREMOS PARA GOA» «QUEREMOS O REGRESSO DOS SOLDADOS DA ÍNDIA» «FORA COM OS AMERICANOS»

ELEIÇÕES PARA AS JUNTAS DE FREGUESIA

Queremos para que as nossas Juntas de Freguesia sejam compostas por homens honestos e dedicados. Apresentemos listas de Unidade para as Juntas de Freguesia que se comprometam a lutar pela realização dos melhoramentos mais sentidos. Vamos em massa às Assembleias de Voto votar pela lista de Unidade e fiscalizar a votação impedindo as falcatruas dos fascistas. Mantenhamos as Comissões Eleitorais formadas para lutarem pela posse imediata das Juntas eleitas pelo povo e para lutarem pela realização dos melhoramentos que mais interessam.

MAIS LUTAS MAIS VITÓRIAS

Cada vez as massas camponesas compreendem melhor que A LUTA CONTRA AS JORNAS DE MISÉRIA E UMA LUTA DE TODO O ANO. Não é só nas cartas e na ailtona, é em todos os trabalhos. Na zona de **MONTEMOZ, ESCORAL e S. GREGÓRIO** os trabalhadores de cortiça lutaram unidos pela jorna de 3500 tendo-a conquistado.

Em **ALCACCOS** os trabalhadores de cortiça conquistaram este ano 3050 de jorna.

Nas **DEBULHAS** igualmente foram este ano conquistadas melhores jornas. Assim em **PIAS** numa máquina do agrário João Varela, que pretendia baixar a jorna de 2250 para 2050, os camponeses uniram-se e reclamaram 2450 tendo-a conquistado. Numa outra máquina (do agrário João Erre) também os camponeses lutaram pelos 2400 tendo-os conseguido mais cedo e a trabalhar até ao pôr do sol quando o devido é chegar a casa o por do sol.

Na região de **MONTEJO** os camponeses conquistaram este ano 2350 (para os da palha) e 2050 (para os do feno) em vez de 2050 e 1950 respectivamente. Entretanto na máquina da **OS** Alta os camponeses que trabalham a palha conquistaram ainda «mais um homem» (isto é, 2250 a distribuir pelos 7) e quando o agrário quis que o pai-neto fosse feito distante da máquina, reclamaram e conseguiram ainda mais 2250 a distribuir pelos 7.

Na máquina da **Furada (VENDINHA)** também os camponeses da palha lutaram pelos 2500 de jorna e como o agrário não quizesse pagar abandonaram os trabalhos. O agrário, airanjou outros homens mais tuya de lhes pagar os 2500.

Estes exemplos provam bem que para a vitória, nas debulhas, bem como em todos os trabalhos do campo, A UNIDADE E A ORGANIZAÇÃO DOS CAMPONESES, PERMITEM-LHES FAZER VALER OS SEUS DIREITOS E GARANTIR A CONQUISTA DE MELHORES JORNAS.

CONTRA O DESEMPREGO, POR PAZ OU TRABALHO! "A FOME É QUE NÃO MORREMOS!"

Os trabalhadores rurais têm todos uma vida de miséria e de incerteza no dia de amanhã. Quando temos trabalho só devido a luta intensa conseguimos jornas melhores.

Mas períodos há em que não encontramos trabalho, em que só o desemprego existe e então, em nossas casas, instala-se completamente a fome, a doença e a morte. Enquanto os camponeses que, com o seu suor tudo arrancam da terra, se debatem na miséria, os agrários que nada fazem enriquecem cada vez mais.

Isto sucede assim porque o governo de Salazar é um governo ao serviço dos monopólios e dos grandes

agrários, porque enquanto os grandes agrários possuem a maior parte da terra, os trabalhadores rurais nada possuem, porque permanecem em cultos ou em pouso 2 milhões de hectares e porque o governo não tem dinheiro para fazer tantos trabalhos necessários mas tem milhões para gastar nos preparativos de guerra.

Os companheiros nossos que, seguindo um caminho errado, têm recorrido ao roubo ou à esmola. Tais atitudes não devem ser seguidas pois enfraquecem a nossa unidade e a nossa luta.

A nossa luta contra o desemprego é uma luta justa porque todos nós temos direito a **Pão ou Trabalho** e o que nos permite conquistá-lo é a **nossa mais larga união, e a nossa acção comum.**

No Alentejo, Ribatejo e outras regiões, o desemprego cresce de ano para ano. No Alentejo, desde o fim das debulhas, milhares e milhares de camponeses estão já desempregados e esse número sobe cada vez mais. Que devemos fazer então para conquistar Pão ou Trabalho?

Em primeiro lugar, nas Praças de Jorna e nas Casas do Povo, nas nossas aldeias, vilas, montes, em todo o lado, **temos que nos juntar e discutirmos a nossa situação. Em seguida devemos organizar-nos criando Comissões de unidade** que, unifiqem e orientem a nossa luta, pela conquista de Pão ou Trabalho,

(continua na 2ª página)

OS CAMPONESES RIBATEJANOS LUTAM PELOS SEUS DIREITOS

A violenta repressão com que o fascismo tenta conter a justa luta dos camponeses ribatejanos não impede que novas e importantes vitórias sejam conquistadas por estes.

Em **SALVATERRA DE MAGOS**, nos fofos, em Maio, os capatazes ofereceram aos homens 3050 e às mulheres 2300 para os trabalhos nos meloais e nos milhos. Devido à sua firmeza e unidade, conseguiram os camponeses 3500, 4050 e 4500, e as camponesas 2650 e 2750.

Também em Salvaterra de Magos, no dia 14 de Junho cerca de 100 mulheres fizeram praça. Dois lavradores ofereceram 2050, mas as camponesas unidas e firmes exigiram 2250, e ao fim do dia tinham conquistado esta jorna. Mas os lavradores não queriam pagar este dia perdido o que indignou as camponesas (pois esta é uma conquista dos trabalhadores ribatejanos). Um dos lavradores tentou então meter medo às camponesas puxando por uma pistola. As valentes mulheres em vez de fugirem correram para

elas pondo-os em fuga. No dia seguinte só ficaram com a garantia de lhes serem pagos os 6 dias. Novamente a sua firmeza lhes deu a vitória.

Na 2ª feira seguinte, 21 de Junho, quando os camponeses e camponesas estavam na praça foi a uma patrulha da GNR que lhes perguntou porque não faziam praça ao domingo ao que os camponeses responderam que sempre foi a 2ª feira. Em seguida a Câmara publicou um edital a proibir a praça a 2ª e que de futuro esta passaria a ser ao domingo, edital a que os trabalhadores não se entendo não ligaram. Na 2ª feira seguinte, estando no meloal na praça foi lá a GNR para as obrigar a aceitar a praça ao domingo, tudo isto com o objectivo dos lavradores não pagarem o dia cu dias que se perdem com a luta. Então as mulheres formaram uma Comissão e foram ao posto protestar exigindo a praça a 2ª feira o que, mais uma vez, foi conquistado.

Em **BEAVENTE**, em Junho, os lavradores ofereceram de jorna 3050 para os tra-

balhos nos meloais e nos milhos. Mas os 300 camponeses unidos na praça conquistaram 4050 e 4500.

No **CARTAXO** (Casais Lagartos) em Maio na praça os lavradores queriam pagar 16500 e 17500 às mulheres. Pela sua luta estas conseguiram trabalho durante 10 semanas a 20500 por dia.

Em **VILA FRANCA DE XIRA** o agrário fascista, Delgado, contractou em Junho, na praça, 20 camponeses por 28500. Ao fim da semana queria só pagar 25500, mas os camponeses recusaram-se a receber e protestaram. Como o fascista não quizesse pagar o combinado os trabalhadores foram todos juntos ao posto da PSP e ao Gremio protestar tendo por fim obtido a sua justa reivindicação.

Estes belos exemplos que nos dão os camponeses ribatejanos, mostram-nos que só com a nossa luta firme e unida faremos valer os agrários e autoridades fascistas e defenderemos os nossos justos direitos. **CAMPONESES RIBATEJANOS, É ESTE O CAMINHO A SEGUIR!**



ORGANIZEMOS A LUTA CONTRA A REPRESSÃO!

"O CAMPONÉS"

O governo de terror de Salazar pensa que lançando as suas forças repressivas contra o povo impede-nos de lutar e de defendermos a nossa vida e a dos nossos. O governo salazarista, os grandes agrários, os fascistas, enganam-se.

Durante as ceifas a mais violenta repressão caiu sobre o Alentejo. Em Baleizão um criminoso, tenente da GNR, assassinou fraternalmente a nossa querida companheira, a camponesa CATARINA EUFEMIA e não Maria da Graça Sapinho, nome que foi divulgado. NÓS NUNCA MAIS ESQUECEREMOS ESTE INFAME CRIME nem o nome do assassino — Carrajola — que agora foi colocado em serviço na vila de Mertola.

Sobre Plas e Vale de Vargo, caiu o fascismo em força. Perio de 100 camponeses e outras pessoas destas terras foram presos, torturados e mais de 50 permaneceram ainda presos em Caxias.

A FIDE, com o auxílio da GNR, estabeleceu um regime de terror nessas terras. Ninguém podia andar nas ruas. Toda a gente era revistada. Sem qualquer motivo camponeses eram levados pela força ao posto e espancados brutalmente.

Além disso a FIDE reuniu todos os agrários, grandes e pequenos, e impôs que nenhum podia dar os 50\$00. A um proprietário de Vale de Vargo chegou a ameaça de prisão por ter dado 40\$00 com comida.

As massas camponesas de Plas e Vale de Vargo, por não souberam reagir a esta infame perseguição. Com as suas Comissões de Unidade à frente souberam conquistar, apesar de tudo, os 50\$00. Estas lutas, que são belos exemplos para todos os camponeses mostram-nos que só a luta e a unidade conseguem vencer todas as dificuldades.

Impõe-se organizar também a luta contra a repressão

Mas é preciso igualmente unir e organizar a luta contra as violências, as infâmias e os crimes da repressão fascista.

Por todo o Alentejo, e por todo o país, o nosso povo debate-se sob o terror policial. É possível, porém, fazer recuar esse terror, através de pequenas e grandes acções, através da crescente organização dum amplo movimento contra a repressão.

Em MAS um rancho de 20 camponeses e vários outros grupos discutiram o vil crime dos fascistas e fizeram minutos de silêncio à memória de Catarina Eufémia.

De AVIZ foram enviadas ao Min. do Interior 2 cartas com 32 assinaturas protestando contra o assassinio de Baleizão e exigindo o castigo do tenente da GNR, Carrajola.

Com os mesmos objectivos, de BENAVIDA foram enviadas também 3 cartas ao Min. do Interior e de MOINHOS DE ANA uma carta com 8 assinaturas.

Em BEJA o povo tem demonstrado o seu odio ao tenente assassino fazendo inscrições «Fora o Carrajola» e em MERTOLA todos se afastam desse criminoso. Por todo o país a repulsa contra tal crime levantou os protestos de muita gente.

Protestando contra a perseguição aos camponeses alentejanos foram recolhidas em PLAS mais de 200 assinaturas e enviadas ao

Min. do Interior. Em BENAVIDA foram recolhidas 40 assinaturas.

Igualmente em várias terras foram feitas muitas inscrições exigindo a libertação de Alvaro Cunha, Francisco Miguel e de todos os presos políticos.

Estes são alguns exemplos de acções contra a repressão que o nosso jornal aponta a todos os camponeses, pois em todo o lado eles se podem repetir. Entretanto além da necessidade de multiplicar estes exemplos, é preciso também que tais acções se tornem mais amplas, capazes de arrancar da prisão os camponeses ainda presos, capazes de eliminar o regime de terror que reina em muitas

terras, capazes de exigir pensões para os tres orfãos de Catarina Eufémia e o castigo do tenente Carrajola.

Como em outro lado indicamos, os rendeiros da Quinta da Torre deram um rico exemplo de luta contra repressão pois por meio de várias concentrações arrancaram da prisão 17 companheiros presos.

Para alargarmos esta luta É NECESSÁRIO FORMARMOS AMPLAS COMISSÕES que a orientem. Recolhendo assinaturas, aprovando mocções e fazendo concentrações junto das Casas do Povo e das autoridades locais, UNAMOS TODA A GENTE À NA LUTA CONTRA A REPRESSÃO.

POR MELHORES JORNAS NA AZEITONA

Para conseguirmos melhores jornas na apanha da azeitona importa que nos unamos, nos organizemos e lutemos com firmeza. Tal como para as ceifas e outros trabalhos é preciso que em reuniões largas combinemos a jorna a pedir. Devemos evitar as empicidades mas onde elas existirem, há que lutar para que sejam pagas e por preços superiores às jornas. Mas isto não basta. Os agrários, lançando mão de manobras, ameaças e da repressão, procuram por todas as formas dividir-nos. Por isso devemos concentrar-nos nas Praças de Jorna criando praça onde ainda não haja. Na Praça DEVEMOS IMEDIAMENTE ELEGER A COMISSÃO DE UNIDADE DA PRAÇA com os camponeses e camponesas mais sérios e combativos com o fim de encabeçar as diversas fases da luta, estreitar a nossa unidade e orientar-nos a todos.

As experiências passadas provam que onde nos sabemos unir e organizar arrancamos jornas mais elevadas, onde não nos unimos e organizamos os agrários pagam-nos jorna de miséria.

No ano passado onde os camponeses lutaram, foram conquistadas jornas de 27\$00 para os homens e de 12\$50 para as mulheres. A jorna paga às camponesas é uma jorna de fome que mostra bem a infame exploração do trabalho das mulheres.

Todo nós devemos lutar por aproximar a jorna das mulheres à jorna

dos homens. As camponesas, que tantos exemplos de coragem e de luta nos deram já este ano, devem unir-se mais e mais e, com o apoio dos homens, devem lutar por uma melhor jorna.

Por isso «O Camponés» propõe a todos os camponeses o seguinte: **CADERNO DE REVINDICAÇÕES PARA APANHADA NA AZEITONA**
HOMENS: 30\$00
JORNAS: MULHERES: 25\$00

Estas jornas devem ser divulgadas e postas à discussão nas nossas reuniões. Unidos e organizados lutemos por melhores jornas na azeitona!

POR PÃO OU TRABALHO!...

(continuação da 1ª página)

pela abertura de trabalhos no campo e por melhoramentos nas nossas localidades.

Depois do nosso caminho é, antes de tudo, o de EXIJIR TRABALHO. Concentremo-nos nas praças de jorna e dai marchemos para as herdades dos AGRÁRIOS, todos juntos e unidos, pois são eles que nos exploram e que tem que nos dar trabalho ou pão. Estas concentrações junto dos agrários devem ser acompanhadas com CONCENTRAÇÕES E MANIESTAÇÕES nas Casas do Povo. Juntas de Freguesia ou Câmaras Municipais e outras autoridades e daí ninguém arredar pé até conseguirmos TRABALHO OU PÃO para todos os desempregados e suas famílias. Não nos deixemos iludir com as manobras dos agrários e autoridades que nos fazem promessas para nos enganarem.

Este é o caminho que nos aponta a experiência da nossa luta. Este foi o caminho seguido no ano passado pelos valentes camponeses de Montemor, que invadiram em massa a Câmara Municipal e pelos campo-

seguem as últimas quartas recolhidas para o nosso jornal. Por elas se vê que as listas para recolha de fundos não foram largamente distribuídas. Muitas e muitas listas foram esquecidas em vez de serem passadas aos camponeses para que pudessem ajudar o seu jornal. Isso dificulta a vida de «O Camponés». É necessário remediar tal situação e por isso daqui apelamos novamente para que as listas de recolha de fundos saltem para as mãos dos camponeses que, com toda a sua boa vontade, ajudarão financeiramente o seu jornal, porque eles sabem que PARA «O CAMPONÉS» PODER AJUDAR OS CAMPONÉS PRECISA DO AUXÍLIO DE TODOS ELES:

A Luta vence	10\$00	Lista Nº 239	16\$50
Combater	5\$50	idem	329 5\$00
Lista Nº 5	3\$00	idem	330 38\$50
idem 42	4\$00	idem	379 15\$00
idem 46	2\$50	idem	335 5\$00
idem 55	2\$50	idem	446 31\$00
idem 113	10\$50	idem	460 12\$00
idem 114	13\$50	idem	? 10\$00
idem 135, 150, 211, 212 e 214	12\$00	idem	? 15\$00
		Total	724\$50

NOTA — No trabalho deste número do nosso jornal está indicado Ano VIII. É o resultado dum rectificação necessária pois na verdade, em Maio deste ano, o nosso jornal entrou no seu 8º ano de publicação.

Que a terra pertença a quem a trabalha!

OS PEQUENOS AGRICULTORES E RENDEIROS LUTAM PELOS SEUS JUSTOS INTERESSES

O governo fascista não está, no campo somente contra os trabalhadores rurais. Como representante dos grandes agrários, é inimigo também dos pequenos e médios agricultores pois os grandes latifundiários encontram-se à custa da miséria dos trabalhadores rurais e da ruína daqueles.

A REFORMA AGRÁRIA, ampla aspiração dos trabalhadores rurais, que só poderá ser conquistada com o derubamento do fascismo, é também a aspiração dos rendeiros, dos forreiros, dos parceiros, dos quinteiros, dos caseiros e dos pequenos proprietários que não têm terra suficiente. Aos médios agricultores tal Reforma também os beneficiará, pois deixarão de estar sujeitos ao arbitrio e às manobras dos grandes latifundiários, às injustiças dos impostos e às ordens dos Grémios, e o auxílio técnico e em crédito a baixo juro estará aberto para todos os que quiserem aumentar o rendimento das suas terras.

São estas aspirações comuns que fazem dos pequenos e médios agricultores aliados do operário agrícola e por isso muitas lutas travadas por este encontram o apoio daqueles. Igualmente as lutas dos pequenos e médios agricultores pelas suas justas reivindicações são acompanhadas e apoiadas pelos trabalhadores rurais.

A luta dos rendeiros da Quinta da Torre

O «Século» de 17/1954 noticia que «uma comissão de rendeiros da Quinta da Torre, da freguesia da Freguesia da Quinta do Anjo, entrou na Presidência do Conselho para uma exposição, em que cerca de 300 chefes de família pedem a intervenção do governo para evitar que os donos daquele latifúndio de 3000 hectares beneficiem das

continuação dos seus antepassados, têm introduzido e conservado».

De que se trata? Trata-se de que os donos da Quinta da Torre decidiram aumentar as rendas dos mais de 800 rendeiros que, em regime de foros, trabalham há cerca de 100 anos aquela terra, não querendo considerar sequer as benfitorias que os rendeiros têm realizado.

Em resposta à petição que «O Século» anunciou, no dia 1 de Agosto, 70 praças da GNR comandadas por um oficial apareceram na Quinta da Torre para expulsar os rendeiros. Perante isso todos os camponeses se juntaram e ante os seus protestos e a sua firme disposição de não serem expulsos das suas terras a GNR, apesar de recorrer à repressão, teve de se retirar. 17 camponeses foram presos e levados para Setúbal, mas todos os rendeiros, NUMA BELA PROVA DE SOLIDARIEDADE E DE LUTA CONTRA A REPRESSÃO, deixaram de trabalhar até que, depois de várias delegações terem ido a Setúbal exigir a libertação dos seus companheiros, ao fim de tres dias estes foram libertados.

LUTA DOS RENDEIROS DE FERNÃO FERRO

Em Fernão Ferro (Seixal) passa-se coisa semelhante. Um proprietário que tem dezenas de rendeiros quer aumentar-lhes as rendas ou expulsá-los. No ano passado vários foram expulsos das suas casas pela GNR mas logo que esta retirou, arrombaram as portas das suas casas e voltaram a elas. Este ano, a GNR expulsou um rendeiro e logo a sua casa foi demolida ficando o rendeiro, a mulher e cinco filhos juntos dos seus poucos haveres ao relento.

Tanto os rendeiros da Quinta da Torre como os de Fernão Ferro devem imediatamente

eleger COMISSÕES que, apoiadas por todos, defendam intransigentemente os seus justos direitos.

A terra que há tantos anos trabalhas e sobrestes transformar de charneca em vicosos jardins está regada é com o vosso suor e o vosso sangue. Tendes todo o direito a permanecerdes aí. Por isso, junto das Câmaras Municipais, do Governador Civil e do governo DEVEIS EXIGIR QUE NENHUM RENDEIRO SEJA EXPULSO E QUE AS RENDAS NÃO SEJAM AUMENTADAS. Se vos conservardes bem unidos, a vossa luta firme conduzir-vos-á à vitória.

LUTA DOS CAMPONÉSES DE MONTALEGRE

A Junta de Colonização Interna opoderou-se das terras de muitos camponeses de Montalegre. Cerca de 500 famílias que tinham sidos expulsas, invadiram as suas terras roubadas e ocuparam-nas gritando: «ISTO É NOSSO!»

Mais uma vez o fascismo recorreu à repressão com forças de Montalegre, Chaves e Vila Real, para expulsar pela violência, os bravos camponeses de Montalegre, tendo levado alguns presos para o Porto.

Valentes camponeses de Montalegre! Mantendo-vos sempre unidos e protestal junto das autoridades contra as violências exercidas. Se vos unirdes a todos os camponeses, com o apoio da população a vitória será vossa!

A LUTA DOS PEQUENOS LAVRADORES DE BUSTOS

Recentemente em Bustos (Aveiro) 100 pequenos lavradores enviaram uma exposição ao Min. da Economia protestando e pedindo providências contra os abusos do Grémio que nas mãos dos grandes lavradores, só a

estes fornece adubos. Por outro lado, em relação à batata, comprou-se primeiro aos grandes agrários e com ela encheu os seus armazens deixando depois de a comprar aos pequenos lavradores.

O que se passa em Bustos passa-se por por todo o país pois os Grémios, como as Juntas, Federações, etc., são organismos criados pelo fascismo para defesa dos grandes agrários e contra os interesses da grande massa dos agricultores.

Em relação ao vinho o escândalo é o mesmo. A Junta do Vinho suspendeu de repente a compra de vinhos o que faz com que muitos pequenos e médios vinicultores, impossibilitados de colocar a sua colheita, vendam ao desbarato. Assim, por exemplo, em Alquebubim, o vinho chega a vender-se a 20\$00 os 20 litros (portanto a 1\$00 o litro) e devendo ainda descer mais. Entretanto esse preço do vinho, que não pode compensar as despesas do lavrador, e muitas vezes aumentado antes de chegar ao consumidor (que o está pagando a 3\$00 e mais) o que permite boas negociações aos intermediários e principalmente aos grandes vinicultores que vendem o seu vinho a bom preço e vão depois comprar o dos pequenos por preço ruinoso para o voltarem a vender por bom preço. A Junta do Vinho, defensora destes grandes vinicultores, faz-lhes portanto o seu jogo.

A ESTAS INFAMES ESPECULAÇÕES SÓ A LUTA UNIDA DOS PEQUENOS E MÉDIOS LAVRADORES, A GRANDE MASSA, PODE POR CÔBRO. O exemplo que nos dão os 100 lavradores, de Bustos que se uniram e lutam pelos seus justos direitos deve ser seguido por todos os lavradores espoliados e prejudicados pela política fascista.